



PRÁTICAS INCLUSIVAS NO ENSINO DE FLE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Luiza Karen Guimarães de Oliveira¹, Karine Cardoso Farias², Karina Araújo Silva³, Lino Dias Correia Neto⁴
lino.dias@professor.ufcg.edu.br

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados da execução do projeto *Práticas Inclusivas e Língua Estrangeira: Língua Francesa no Instituto dos Cegos de Campina Grande*, cujo objetivo foi promover o ensino de francês como língua estrangeira (FLE) para pessoas com deficiência visual. Os resultados demonstram como a metodologia desenvolvida e a interlocução com a comunidade beneficiada contribuíram para fomentar uma perspectiva de formação docente inicial e de ensino-aprendizagem de FLE pautadas na inclusão.

Palavras-chaves: *Língua Estrangeira, Inclusão, Deficiência Visual.*

1. Introdução

A inclusão educacional de pessoas com deficiência visual ainda enfrenta desafios significativos, tal como a baixa representatividade desse público em espaços de ensino de línguas estrangeiras. Embora avanços tenham sido alcançados, a aprendizagem de uma língua estrangeira por pessoas com deficiência visual segue negligenciada, devido tanto a dificuldades estruturais quanto a barreiras atitudinais. Como destacam Arruda e Almeida (2014), essas barreiras só podem ser superadas pela interação entre professores, instituições de ensino e comunidade, garantindo que a inclusão seja efetiva e sustentável.

Conforme sustenta Freire, “[...] qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar” (Freire, 1996, p. 67). Nesse sentido, a iniciativa foi motivada pela necessidade de ampliar a acessibilidade no ensino de línguas estrangeiras, combatendo as limitações impostas pela escassez de recursos adequadas para o público-alvo em questão. Contando com a parceria do Instituto dos Cegos de Campina Grande, o projeto envolveu discentes extensionistas na construção e aplicação de materiais acessíveis, promovendo um espaço de aprendizagem significativo e inclusivo.

Diante desse contexto, o projeto de extensão *Práticas Inclusivas e Língua Estrangeira: Língua Francesa no Instituto dos Cegos de Campina Grande* teve como objetivo principal promover o ensino de francês como língua estrangeira (FLE) para alunos com baixa visão ou cegos do Instituto dos Cegos de Campina Grande, garantindo abordagem inclusiva e adaptada às necessidades desse público.

Cerqueira e Ferreira (2016) afirmam que em nenhuma outra situação educativa os materiais didáticos são tão

cruciais quanto na educação de pessoas com deficiência visual. Nessa esteira, a importância da adaptação de recursos didáticos, para a pessoa com deficiência visual, ganha destaque para evitar um ensino superficial e desconectado da realidade. Diante disso, no âmbito do projeto, foram desenvolvidos materiais didáticos acessíveis e adotadas estratégias pedagógicas específicas, fundamentadas em abordagens inclusivas resultantes da interação com o público-alvo.

Este trabalho tem como propósito descrever as etapas do projeto, desde seus objetivos e metodologia até as atividades realizadas e os resultados alcançados. Além disso, refletiremos sobre os impactos da iniciativa e sobre a importância de uma perspectiva inclusiva no âmbito do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

2. Metodologia

A metodologia adotada neste projeto de extensão foi estruturada para garantir a preparação da equipe, o planejamento das atividades e a adaptação do material didático, visando uma abordagem inclusiva e acessível. As ações foram divididas em diferentes etapas que ocorrem simultaneamente, permitindo ajustes contínuos com base na avaliação das atividades realizadas junto ao público-alvo.

2.1. Preparação da equipe

A equipe de extensionistas realizou um minicurso de braille como parte do processo preparatório, por meio do curso Braille Virtual da Universidade de São Paulo. Além disso, foi feita uma visita inicial ao Instituto dos Cegos de Campina Grande, onde a equipe recebeu orientações sobre o funcionamento da instituição, conheceu o público-alvo e seus horários de disponibilidade.

2.2. Planejamento dos encontros

As reuniões da equipe ocorreram regularmente antes de cada encontro com o público-alvo. Nessas reuniões, bolsista e voluntárias, sob orientação do coordenador, planejavam as atividades e os suportes didáticos a serem utilizados. Além disso, eram discutidas estratégias pedagógicas para melhor atender às necessidades do grupo.

2.3. Elaboração e adaptação do material didático

Os materiais didáticos foram desenvolvidos para garantir acessibilidade a todos os participantes. Nessas

^{1,2,3} Estudantes de Graduação, Curso de Letras: Língua Portuguesa e Língua Francesa, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

⁴ Orientador e Coordenador, Professor do Magistério Superior, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

reuniões, planejávamos e produzíamos recursos didáticos, tendo como base, principalmente, relatório de vigência anterior do projeto, bem como a obra *Materiais didáticos acessíveis de língua inglesa para alunos com deficiência visual* (Medrado; Dantas, 2019).

Para isso, a equipe produziu textos e atividades em braile, fonte ampliada e áudio, com gravações feitas pelos próprios extensionistas e pelo coordenador. Também foram elaborados materiais táteis, como bingo de números e letras, árvores genealógicas e baralhos, além de atividades sensoriais, como o uso de frutas e legumes para estimular o olfato e o paladar durante as aulas.



Figura 1 - Reunião de adaptação de elaboração de materiais didáticos

2.4. Avaliação das ações

Após cada encontro, a equipe se reunia para avaliar as atividades realizadas. Essa etapa foi fundamental para identificar ajustes necessários no planejamento, aprimorar a abordagem didático-pedagógica e definir estratégias mais eficazes para os encontros seguintes.

Além disso, na fase de conclusão das ações de campo, foi elaborado e aplicado um questionário contendo questões sobre o material didático utilizado, os encontros, a relação com as extensionistas e suas percepções sobre inclusão ao longo das atividades desenvolvidas.

2.5. Ações de campo no Instituto dos Cegos de Campina Grande

As ações realizadas no Instituto dos Cegos de Campina Grande consistiram em encontros semanais com os participantes, cuja faixa etária variava de 9 a 60 anos. As extensionistas trabalhavam em conjunto, alternando funções como condução das atividades, assistência individual e suporte ao grupo. O detalhamento das atividades desenvolvidas nesses encontros será apresentado na seção seguinte.

3. Resultados e Discussões

Rajagopalan (2003) compreende o estudo de uma língua estrangeira (doravante LE) enquanto processo de realinhamento e redefinição de identidades, uma vez que, para o autor, a língua é a própria expressão das identidades: “[...] quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade. Dito de outra

forma, quem aprende uma língua nova está se redefinindo como uma nova pessoa” (Rajagopalan, op. cit. p. 69).

Por outro lado, mesmo havendo consenso sobre a importância da aprendizagem de línguas estrangeiras, é possível observar, no Brasil, um cenário marcado por lacunas. Conforme Ferreira e Mozzillo (2020) analisam, a realidade brasileira com o ensino de línguas é fortemente afetada pela conjugação de políticas educacionais pouco produtivas e da exploração mercadológica do ensino de línguas.

Dados do IBGE revelam que 33,7% dos adolescentes com deficiência, entre 11 e 14 anos, não frequentam o ensino fundamental. Como estratégia de enfrentamento a essa realidade, Arruda e Almeida (2014) indicam que a inclusão educacional exige colaboração entre instituições de ensino, docentes, gestores e comunidade. Nesse sentido, consideramos que é essencial, para a promoção da inclusão, ampliar o espaço dessa temática nos cursos de licenciatura, formando professores sensíveis à mediação do currículo de acordo com as necessidades específicas dos alunos.

Ainda de acordo com dados do IBGE, no que diz respeito ao número de deficientes visuais residentes na cidade Campina Grande, estima-se que cerca de 592 pessoas são deficientes visuais na categoria descrita como “não consegue de modo algum”, isto é, pessoas que têm a visão totalmente comprometida. Diante desses números, é natural que nos questionemos sobre a falta de representatividade dessa população nos distintos espaços de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Nesse sentido, o desenvolvimento do presente projeto justificou-se, principalmente, pela finalidade de atender a uma demanda social e inclusiva no campo educacional que é frequentemente negligenciada.

Face ao exposto, o principal objetivo do presente projeto foi promover o ensino de francês língua estrangeira (doravante FLE) para alunos com baixa visão ou cegos do Instituto dos Cegos de Campina Grande, por meio de abordagem e produção de material didático que atendam às especificidades dos processos de aprendizagem desse público.

O público-alvo atendido por este projeto foi constituído por treze pessoas cegas ou com baixa visão que frequentam o Instituto dos Cegos de Campina Grande, instituição fundada em 1952 e que atende a crianças, jovens e adultos com deficiência visual da cidade de Campina Grande e municípios circunvizinhos. A instituição tem como principal objetivo promover para seu público a escolarização, a inclusão social e o acesso ao mercado de trabalho, ao lazer e à cultura. No momento de execução deste projeto, o Instituto dos Cegos de Campina Grande atendia cerca de 180 (cento e oitenta) pessoas com deficiência visual da cidade e de municípios vizinhos. A instituição funciona sem fins lucrativos e com apoio de parcerias firmadas entre setores públicos e privados.

Entre os objetivos específicos inicialmente estabelecidos para este projeto, pode-se destacar a elaboração e adaptação de material didático para o ensino de FLE considerando as particularidades do processo de

ensino e aprendizagem da pessoa com deficiência visual. Para tanto, apoiamos-nos na perspectiva de base vigotskiana, que desloca o foco pedagógico da deficiência para as vias e estratégias alternativas de desenvolvimento e de aprendizagem (Costa, 2006).

A vista disso, operacionalizamos a adaptação e a elaboração de materiais didáticos com base nas contribuições teóricas de Leffa (2008) que favorecem a centralidade nas particularidades dos alunos. De acordo com o autor, a elaboração de material para o ensino de LE deve conter, pelo menos, quatro etapas: a) a análise na qual é feito um levantamento das necessidades dos alunos, suas características pessoais, anseios, preferências por estilos de aprendizagem, o que eles já sabem e o que precisam aprender; b) o desenvolvimento, que ocorre pela definição dos objetivos a partir da análise e escolha da abordagem, conteúdos, atividades e recursos; c) a implementação, que consiste no uso do material pelo aluno com a mediação do professor ou em autonomia; d) a avaliação que, seguida da implementação, possibilita a análise das etapas anteriores e as reformulações necessárias (Leffa, 2008).

Os encontros com o público beneficiado pelo projeto ocorriam semanalmente e eram orientados por temáticas específicas, a partir das quais buscava-se desenvolver a apropriação de habilidades comunicativas em FLE. Entre as temáticas dos dezesseis encontros, constaram: 1. *Se présenter*; 2. *L'alphabet, épeler*; 3. *Les chiffres, compter*; 4. *Présenter quelqu'un/ les nationalités*; 5. *Les fruits et les légumes*; 6. *La famille*; 7. *Les vêtements*; 8. *Le portrait moral*; 9. *Activités physiques et sportives*; 10. *Les métiers*; 11. *Les activités de la vie quotidienne*; 12. *Les transports*; 13. *Les animaux*.

Ao longo dos encontros, os recursos previamente elaborados pela equipe buscava proporcionar aos participantes interações com formas e contextos de uso da língua francesa e, para tanto, foram exploradas diversas alternativas na adaptação e elaboração de materiais em diferentes formatos e com variados recursos sensoriais, tais como bingos táteis (Figura 3), árvore genealógica tátil (Figura 2), jogos da memória sonoros, baralhos temáticos em braile e em fonte ampliada (Figura 4), etc. O planejamento desses recursos levava em conta a variação ampla da faixa etária, bem como as diferentes configurações da deficiência visual dos participantes: cegueira total, baixa visão ou visão monocular.

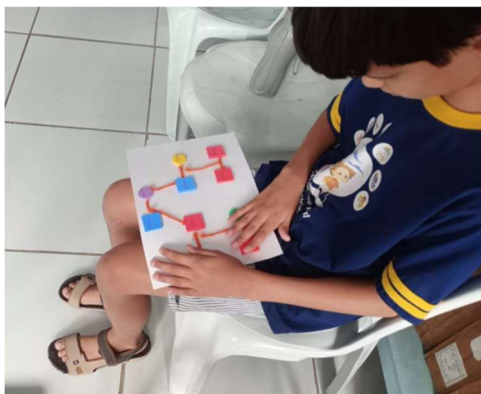


Figura 2 - Atividade com árvore genealógica tátil

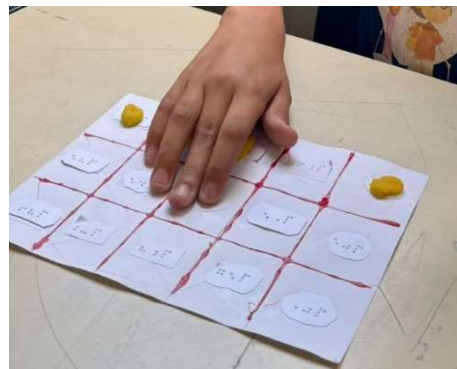


Figura 3 - Cartela de bingo tátil



Figura 4 - Baralho les métiers

Visando avaliar as ações do projeto, bem como compreender as percepções do público-alvo sobre as atividades, a equipe elaborou e aplicou um questionário contendo questões sobre o material didático utilizado, os encontros, a relação com as extensionistas e suas percepções sobre o processo de aprendizagem. Incluímos, ainda, questões gerais a respeito da experiência dos alunos com outras línguas estrangeiras.

Nas respostas, todos os participantes informaram que já haviam estudado apenas inglês como língua estrangeira em suas respectivas escolas de ensino básico. Isso nos leva diretamente ao ponto discutido inicialmente: o ensino de línguas estrangeiras nas escolas públicas está geralmente limitado ao inglês, relegando as demais línguas ao ensino privado.

No que diz respeito às percepções dos alunos sobre os encontros conduzidos no Instituto, todas as respostas foram positivas, com destaque ao excelente nível de satisfação com os encontros. Do mesmo modo, identificamos também uma preocupação do público-alvo quanto à limitação de tempo (um encontro semanal de uma hora e meia), bem como a expectativa de uma segunda edição do projeto na instituição. Com isso, os dados da avaliação do projeto pelo público-alvo revelaram que:

- Identificou-se um desejo generalizado de prolongar a experiência em uma próxima edição do projeto;
- Os alunos se sentiram amplamente incluídos ao longo das atividades do projeto;

- A atuação da equipe desenvolvedora do projeto foi avaliada de forma extremamente positiva;
- Foi indicada a necessidade de alguns aprimoramentos nos recursos transcritos em braile, bem como o desejo de terem recebido um volume mais elevado de atividades para que pudessem estudar em autonomia.

A avaliação pelo público-alvo indica que o projeto não só alcançou os objetivos propostos, mas também conseguiu criar um ambiente inclusivo e acolhedor para todos os participantes. Do mesmo modo, essa avaliação reforça a importância de iniciativas que busquem proporcionar uma educação linguística mais acessível e ajustada às necessidades específicas do público-alvo em questão. Por fim, o compilado avaliativo do público-alvo também nos proporcionou pistas para o aprimoramento das ações do projeto em uma eventual reedição.

4. Conclusões

O desenvolvimento do projeto "*Práticas Inclusivas e Língua Estrangeira: Língua Francesa no Instituto dos Cegos de Campina Grande*" revelou-se uma experiência de extensão enriquecedora tanto para a equipe executora quanto para o público-alvo. Pudemos constatar que nossos objetivos foram satisfatoriamente alcançados e, para tanto, estabeleceu-se, junto com a comunidade beneficiada, um ambiente de acolhimento recíproco no qual pôde-se desenvolver as ações de ensino-aprendizagem de FLE num perspectiva de inclusão da pessoa com deficiência visual.

A metodologia adotada no projeto mostrou-se pertinente para o desenvolvimento das ações, permitindo a preparação da equipe executora, bem como o planejamento e avaliação das atividades, com contínua centralidade nas especificidades do público-alvo atendido. Nesse contexto, é importante destacar os diversos desafios enfrentados nas etapas de adaptação, elaboração e avaliação de materiais didáticos. Esses desafios foram superados pelo engajamento e criatividade das extensionistas, cujos saberes e habilidades desenvolvidas na interação com o público-alvo permitiram o aprimoramento sucessivo de recursos táteis, audiovisuais e interativos.

A avaliação do projeto revelou percepções bastante positivas, tanto por parte da equipe executora quanto pelos beneficiários. Em se tratando das extensionistas, observou-se que a experiência de ensinar francês para alunos cegos e com baixa visão foi desafiadora, porém extremamente enriquecedora, transformando suas percepções sobre a educação inclusiva e promovendo seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Em relação ao público-alvo, observou-se grande satisfação com as atividades, com destaque à inclusão e ao acolhimento durante os encontros. Ademais, a avaliação do público-alvo reforçou a relevância de iniciativas que busquem proporcionar uma educação linguística com foco na inclusão de pessoas com deficiência visual. No que tange à recepção por parte do Instituto dos Cegos de Campina Grande, ressalta-se que,

em todas as ocasiões em que o apoio institucional foi necessário, a equipe do Instituto esteve disponível para contribuir com o bom andamento das atividades.

Por fim, os resultados positivos deste projeto evidenciaram a importância da continuidade e do aprimoramento de ações de extensão que promovam a inclusão e a acessibilidade no ensino de línguas estrangeiras. Do mesmo modo, levando em conta o caráter bilateral da extensão universitária, o desenvolvimento deste projeto fomentou um espaço de experiências inovadoras de formação docente inicial para as extensionistas do curso de Letras: Língua Portuguesa e Língua Francesa.

5. Referências

ARRUDA, M. A., ALMEIDA, M. **Cartilha de inclusão escolar**: inclusão baseada em evidências científicas. Ribeirão Preto: Ed. Instituto Glia, 2014.

CERQUEIRA, J. B.; FERREIRA, E. M. **Recursos didáticos na educação especial**. Disponível em: <http://educacao.gov.br/educacao/71-educacao-basica/ensino-fundamental/262-recursos-didaticos-na-educacao-especial>. Acesso em: 01/04/2024.

COSTA, D. A. F. Superando limites: a contribuição de Vygotsky para a educação especial. In: **Revista psicopedagogia**. São Paulo, v. 23, n. 72, p. 232-240, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862006000300007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01/04/2024.

FERREIRA, R. C.; MOZZILLO, I. A língua inglesa no Brasil como o mercado quer: necessária, mas inalcançável. In: **Travessias Interativas**, [S. l.], v. 10, n. 22, p. 138-150, 2020. DOI: 10.51951/ti.v10i22. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/15322>. Acesso em: 01/04/2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEFFA, V. J. **Como produzir materiais para o ensino de línguas**. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). Produção de materiais de ensino: teoria e prática. Pelotas: EDUCAT, 2008, p. 15-41.

MEDRADO, M. DANTAS, R. **Materiais didáticos acessíveis de língua inglesa para alunos com deficiência visual**. João Pessoa: Ideia, 2019.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística aplicada crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editoria, 2003.

Agradecimentos

Na pessoa de Adenise Queiroz de Farias, presidente do Instituto dos Cegos de Campina Grande, agradecemos a todos que compõem a instituição pelo acolhimento e apoio dispensados à equipe de execução do projeto ao longo da vigência.

À UFCG pela concessão de bolsa(s) por meio da Chamada PROPEX 002/2024 PROBEX/UFCG.